

Alberto Martins

Como você pensa a relação entre o tempo literário e o tempo histórico?

Li no jornal que uma das equações mais complexas que existem é a que diz respeito à ação dos sedimentos num rio. Difícil de calcular porque estes não se comportam nem inteiramente como sólidos, nem como líquidos, mas como minúsculas partículas de matéria em perfeita suspensão no meio líquido.

Aproximo esta imagem da relação entre história e obra literária. Gosto de pensar que não existe matéria sem forma, nem forma sem matéria. O artista fica atento às minúsculas partículas de matéria que o atingem e pergunta: que forma tem essa matéria? que desenhos ela há de ter? Como toda matéria é história, o tempo histórico ganha forma por meio da operação sensível, crucial, que é a obra de arte.

Quais procedimentos sua obra adota diante de um mundo em que predominam a ação econômica e a espetacularização da arte?

Não creio que um poema, uma novela, uma escultura, devam ter outros procedimentos senão aqueles que são estritamente necessários à construção de sua experiência.

Quando observo os poemas que escrevi ultimamente constato neles um desejo de anonimato; de estarem próximos ao que é comum. Como se, no mundo banalizado, a arte não devesse ter nenhum privilégio, e a poesia, para dizer o que quer dizer, tivesse que se despir até de sua qualidade de fala diferenciada, fala que pode revelar coisas, para confundir-se com o que é comum e, aparentemente, sem valor. Nesse sentido, tenho visto os poemas aproximarem-se da prosa. Mas não creio que isso seja um procedimento; é antes uma constatação.

Qual reflexão sua obra produz sobre a tradição literária brasileira?

Não creio que esta pergunta se dirija, no fundo, para o artista. Ao contrário, penso que tal reflexão cabe sobretudo aos leitores, de modo geral; ao crítico, em particular. Para um escritor, é mais útil ter clareza sobre o ponto de partida do que sobre o de chegada.

O ponto de partida: isto é, o momento da tradição – ou de ruptura com a tradição (dá no mesmo) – a partir do qual ele escreve. Por exemplo, João Cabral. Nos artigos que publica em 1952, ele afirma claramente que aposta que a literatura devia fazer era do modernismo para diante, e não o reverso. Ou seja, a grande distância que existe entre sua obra e a dos colegas de geração já está dada na consideração do ponto de partida.

Em linguagem muito direta, o ponto de partida para o escritor significa: com que armas você conta? Com quais delas você quer seguir adiante? Quais você pode deixar pelo caminho?

Já as considerações sobre o ponto de chegada não têm, a meu ver, grande utilidade para o artista. Basicamente porque tendem a envolver a obra de arte, ou seu autor, numa teia de falsas questões: acreditar que um escritor tem controle total sobre a realização de sua obra; pensar que é desejável controlar sua recepção; por fim, cercar a obra de cuidados, conceitos e estratégias que dizem respeito mais a uma prevista inserção na história literária do que à experiência estética que quer se formular especificamente por meio daquele poema, daquele romance.

Como você pensa a forma literária?

Não penso a forma literária como um *a priori* em relação à experiência que quer se formular. Sei que, para muitos poetas, eleger uma determinada forma, conceber um determinado desafio formal, pode funcionar como um gatilho que dispara a atividade poética, e os resultados são de altíssima qualidade. Esse não é o meu caso. Não só sou absolutamente incapaz de executar algo que foi planejado com antecedência, como não vejo graça nenhuma nisso. A maior parte da graça do poema, para mim, está exatamente nessa descoberta concomitante da forma e daquilo que o poema quer dizer. Penso que é essa descoberta que constitui o trabalho poético para mim.

Alberto Martins (1958) é escritor e artista plástico. Autor dos livros *Poemas* (Duas Cidades, 1990), *Cais* (Editora 34, 2002), *A história dos ossos* (Editora 34, 2005), *A história de Biruta* (Companhia das Letras, 2008), da peça de teatro *Uma noite em cinco atos* (Editora 34, 2009) e *Em trânsito* (Companhia das Letras, 2010).